

ETNOTURISMO, COMPLEXIDADE TERRITORIAL E POPULAÇÕES TRADICIONAIS: A TERRITORIALIZAÇÃO DO TURISMO NOS ESPAÇOS CULTURAIS QUILOMBOLAS¹

Hebert Canela Salgado²

UFU – Minas Gerais – Brasil

hcsalgado@gmail.com

Rossvelt José dos Santos³

UFU – Minas Gerais – Brasil

rossvelt@ufu.br

RESUMO: O trabalho apresenta as primeiras reflexões da Tese de Doutorado em construção no Laboratório de Geografia Cultural e Turismo da Universidade Federal de Uberlândia-MG, sob o título “Populações Tradicionais, Territórios Culturais e Enoturismo: Comunidades Quilombolas: Espaços de Resistência, Espaços de Esperança?”. O objetivo é identificar as interfaces e reflexos oriundos da relação do turismo com os povos tradicionais quilombolas cujos lugares de vida têm sido o da biodiversidade, via resistência e negociação política, almejando reconhecimento e valorização histórico-cultural e territorial. O turismo, cada vez mais adjetivado, contraditório e desafiador, em meio ao processo de globalização de culturas e à consolidação de políticas públicas ocupa novos espaços e lugares. O complexo contexto anuncia desafios ligados à identidade, ao território e à cultura. Nesse caso, o Enoturismo se evidencia como tendência do turismo no Brasil. Buscamos compreender a partir da Geografia Cultural e da Geografia do Turismo quais as interfaces e conflitos oriundos da relação do turismo com os modos de vida, história e cultura dos povos tradicionais quilombolas. A metodologia é construída via pesquisa de campo, bibliográfica e entrevistas. Surge um convite ao debate sobre o tema, naturalmente reconhecendo que a Ciência Geográfica tem muito a dizer sobre o tema.

PALAVRAS-CHAVE: Turismo; Enoturismo; Territorialização; Cultura; Quilombola.

Introdução

Os multiculturalismos e dinâmicas vigentes nos espaços-tempo apotam para a necessidade de novos debates e da mudança da ação frente à complexidade das realidades socioespaciais contemporâneas onde se evidenciam questões socioambientais e culturais específicas, nesse caso ligadas ao fenômeno turismo. Quase sempre

¹ Artigo apresentado ao “XIII Encontro de Geógrafos da América Latina: estabelecendo pontes na geografia da América Latina” sob o Eixo Temático: Ordenamento, Gestão Territorial e Turismo.

² Autor: Doutorando em Geografia pelo Laboratório de Geografia Cultural e Turismo – IG-UFU. Turismólogo. Mestre em Desenvolvimento Social. Graduando em Geografia.

³ Co-autor: Orientador. Professor Associado da Universidade Federal de Uberlândia. Professor orientador do Programa de Pós-Graduação do Instituto de Geografia, nível Mestrado e Doutorado. Pesquisador FAPEMIG, CNPQ e UFU. Coordenador do Laboratório de Geografia Cultural e Turismo da Universidade Federal de Uberlândia – UFU.

anunciada como inegável a importância atual das redes de turismo, carregam também complexidades e contradições em seus reflexos. Nos Gerais, complexo de biomas e populações, multiculturalismos históricos destacam a existência de comunidades tradicionais cujo lugar tem sido o da biodiversidade, via resistência e negociação política, almejando reconhecimento e valorização. O turismo, contraditório e desafiador, em meio ao processo de globalização de culturas, concomitante à consolidação de políticas públicas de regionalização e interiorização da atividade no caso do Brasil, ocupa novos espaços e lugares numa condição quase linear de fetichização dos mesmos, reprodução do capital financeiro e da própria sociedade. Pesquisas de campo e estudos realizados sobre o turismo no Norte de Minas destacam o desafio do turismo regional pautado por realidades complexas ligadas às identidades, aos territórios e à cultura.

Em meio à constelação semântica de adjetivações do turismo como comunitário, solidário e responsável cujas pretensões apontam por um lado para minimização dos impactos e valorização dos lugares, das regiões ditas turísticas, das culturas locais, das pessoas e, por outro, para uma maquiagem de suas contradições com fins à ampliação dos espaços de reprodução do capital e muitas vezes dos espaços de exclusão e morte, o presente trabalho destaca algumas das reflexões iniciais que percorrem a Tese de Doutorado em Geografia que vem sendo desenvolvida no Laboratório de Geografia Cultural e Turismo do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia até então sob o provisório título *“Povos Tradicionais, Territórios Culturais e Etnoturismo: Comunidades Quilombolas: Espaços de Resistência, Espaços de Esperança?”*. O objetivo que cerca essa pesquisa em curso assenta reflexões na busca por identificar as interfaces e reflexos oriundos da relação turismo/comunidades tradicionais. A análise que se inicia foca o etnoturismo cuja órbita se volta às identidades de grupos étnicos, na medida em que se constitui num conceito experimental importante de reflexões a partir da geografia cultural. As pesquisas apontam o etnoturismo como um segmento ainda pouco trabalhado em meio às complexidades e contradições da referida atividade. No Brasil, as experiências têm ocorrido principalmente no Acre e no Amazonas, especificamente ligadas às Sociedades Indígenas. Contudo, inicia-se uma forte tendência acerca do turismo em Comunidades Quilombolas e, nesse caso, voltamos nossas reflexões para as relações dessas últimas com o turismo.

Os primeiros estudos, ainda reféns das experiências iniciais, não conseguem traduzir na totalidade quais os reais impactos e desdobramentos desse processo. Nesse caso, cabe salientar que o problema investigado destaca como o etnoturismo, realidade evidenciada, enquanto segmento surgente e em expansão, tanto via mercado turístico

nacional, quanto via movimentos de resistência de povos tradicionais pode, diante das contradições e complexidades verificadas nas dinâmicas do referido fenômeno, encontrar no Norte de Minas possibilidades diferenciadas de análise. Tal investigação sobre possíveis interfaces e zonas de conflitos nas relações povos tradicionais/turismo, começa a ganhar contornos a partir de pesquisas anteriores, experiências vividas, sentimentos, intuições, subjetivismos, reflexões, devaneios, pesquisa bibliográfica em curso, pesquisas de campo já realizadas no ano de 2010 em duas Comunidades Quilombolas, a saber: Ivaporunduva-SP e Brejo dos Crioulos-MG, entrevistas, diálogos e debates em eventos julgados importantes para o trabalho que se estrutura, a exemplo do 1º Encontro Nacional sobre Turismo em Comunidades Quilombolas.

Cabe ressaltar ainda que as reflexões, que no primeiro semestre de 2010 flutuaram na órbita das discussões durante a realização das disciplinas “*Culturas, Espaços e Sociabilidades*” do Programa de Pós-Graduação em História da UFU e “*Região e Populações Tradicionais*” do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social da Universidade Estadual de Montes Claros, também estão sendo participadas de intensos debates no Grupo de Estudos do Laboratório de Geografia Cultural e Turismo – LAGECULT, do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia e, encontrando nesses ambientes o primeiro esteio para a tese que se constrói. A investigação pretendida também encontra perspectivas a partir do reconhecimento de determinadas experiências de intercâmbios culturais, já verificadas em algumas comunidades do Norte de Minas.⁴

Considerando que o Norte de Minas constitui um campo aberto e crescente de pesquisas ligadas aos povos tradicionais, à totalidade ambiental regional e ao turismo, bem como reconhecendo que o fenômeno ainda se mostra de maneira tímida para o bem de uma região que se redescobre e se ressignifica, buscamos aqui encontrar caminhos capazes de permitir uma leitura adequada à realidade emergente, seus processos e movimentos. Nesse caso, a apresentação, aqui pretendida da pesquisa em curso aqui anunciada constitui um convite ao debate sobre o tema dadas as possibilidades de alargamento das discussões e, da construção de terrenos férteis para um campo epistemológico transversal e equilibrado onde a ciência geográfica desponta como fundamental.

⁴ Diz-se por exemplo dos trabalhos técnico-científicos realizados pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social e outros cursos da Unimontes, da articulação e mobilização social para o desenvolvimento comunitário promovido por entidades do terceiro setor como o Centro de Agricultura Alternativa – CAA, dos projetos político-pedagógicos de instituições educacionais como as Missões do Colégio Marista São José, além dos desdobramentos de pretensas políticas públicas das esferas municipal, estadual em conjunto com a federal, a exemplo do programa Turismo Solidário da Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social de Minas Gerais.

1. O Turismo: da cultura das viagens às viagens culturais: o fetiche das identidades e resistências

O turismo, em meio às contradições de seu processo histórico e geográfico ora suscita seu caráter fetichista, massificante, agressivo e produtor de dependência, ora se evidencia a partir de complexas redes onde ganham destaque processos socioculturais inovadores, responsáveis, inteligentes e sustentáveis, exemplos para as duas vertentes são muitos. O desenvolvimento do fenômeno turismo em várias regiões do mundo tem apontado para importantes reflexões sobre a condição dos lugares, das regiões e das pessoas que participam direta ou indiretamente de seu processo constitutivo enquanto atividade socioeconômica e culturalmente geografizada produtora de novos espaços e novas dinâmicas. Dentre os apontamentos que percorrem o debate atual mundial, e nacional, destacam-se a formação da rede de turismo, a preservação da biodiversidade, a integração sul-americana, a prevenção e combate à exploração sexual de crianças e adolescentes, a construção de políticas públicas participativas, a adoção de parcerias público-privadas, o fortalecimento de alianças comunitárias, dentre outros. Pode-se afirmar que cinco eixos-base aglutinam todo o pensar sobre a condição atual do turismo no mundo, sendo eles: o desenvolvimento econômico, a preservação da biodiversidade, a diversidade cultural, as condições para a paz e o desenvolvimento social. Nas palavras de Almeida (2003, p.07) encontramos que o turismo constitui-se num “fenômeno inerente ao espaço geográfico. Ele, em suas atividades, (re)cria, inventa novas formas, funções, processos e ritmos, dinamizando os lugares, as paisagens, os territórios, as regiões(...) enfim, o próprio espaço, numa simbiose entre o particular e o universal, o local e o global. Assim, ao mesmo tempo em que ele provoca a leitura de suas marcas e impressões, ele desafia a compreensão e o entendimento de sua dinâmica.” Para Silva e Salgado (2005, p.29) o turismo “como um ramo do saber dos serviços, vende sonhos e imagens que na Geografia podem ser traduzidos pelas categorias de análises do espaço, lugar, paisagem, território e região. Essas categorias de análises da Geografia podem ampliar os seus conceitos de forma dialética no tempo e no espaço. No Turismo verificam-se novas ‘visões’ das ‘releituras’ espaciais. Ampliam-se nas categorias novos valores ambientais, culturais e econômicos.”

Depreende-se das pesquisas⁵ apresentadas pela Secretaria Nacional de Políticas para o Turismo do Ministério do Turismo no Salão do Turismo 2010, que as perspectivas para um turismo cultural são cada vez mais exploradas e disseminadas, pautadas pelo valor à consciência ética, à sustentabilidade, às minorias e culturas diferenciadas e à inclusão social. Salientamos que, não há, nesse momento, pretensões de se debruçar sobre a amplitude de noções e formulações sobre o conceito de cultura a fim de evidenciar suas relações com o Turismo e com a Geografia. No caso específico, nossas reflexões iniciais envolvem evidentemente o interesse no debate circunscrito, especialmente por estar anunciado o interesse de aproximação da dimensão cultural-identitária à dimensão do território no viés da geografia cultural que seja capaz de criar interfaces com o turismo para uma leitura sobre a geografia do turismo em com modos de vida tradicionais.

O conceito de cultura está intimamente ligado ao conceito de identidade⁶, especialmente no tocante à identidade cultural que implica na distinção de fazeres, saberes, peculiaridades, ritos, princípios e, valores de uma cultura frente à outra. “As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos”. Hall (2000, p.109). É crescente um movimento global de reforço das identidades locais como estratégia de resistência e valorização das singularidades culturais de comunidades e regiões em todo o mundo. Os novos tempos da Geografia Cultural, onde as possibilidades de reflexão e análise se multiplicam partindo do entendimento sobre cultura como “uma criação coletiva e renovada dos homens [que] molda os indivíduos e define os contextos da vida social que são, ao mesmo tempo, os meios de organizar e de dominar o espaço. Ela institui o indivíduo, a sociedade e o território onde se desenvolvem os grupos. As identidades coletivas que daí resultam limitam as marcas exteriores e explicam como diferentes sistemas de valor podem coexistir num mesmo espaço.” Claval (1999, p.61).

⁵ Disponíveis em <http://www.salao.turismo.gov.br/salao/nucleo_conhecimento/Apresentacoes_2010/>, visitadas em 03 de junho de 2010.

⁶ De acordo com Hall (2005, p.07) “a questão da identidade está sendo extensamente discutida na teoria social. Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades que por tanto tempo estabilizaram o mundo social estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. Assim a chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.”

Richard Hoggart um dos esteios teóricos fundadores dos *Estudos Culturais Britânicos*⁷, ao lançar-se pela perspectiva de procura das vivências culturais nas práticas cotidianas reflete que “quando se pensa nos choques culturais pelos quais passaram em algumas gerações as classes populares, fica-se atônito pelas faculdades de resistência e de adaptação da qual elas deram prova. O mais impressionante não é tanto o que cada geração tem podido em uma larga medida conservar das tradições dos mais velhos, mas, sobretudo que ela tenha sido capaz de criar coisas novas”. Hoggart (1970, p.386). Para os termos do trabalho, encontramos nas afirmações de Costa (2008, p.25)⁸ que “a formação de quilombos em todas as colônias e países do Novo Mundo constituiu-se em estratégia utilizada pelos africanos que, escravizados, ansiavam por liberdade e, assim, instituíram alternativas ao sistema escravista hegemônico e, então vigente. O princípio subjacente à formação de quilombo constituiu-se na busca de lugares de difícil acesso que propiciassem (...) barreiras estruturais, tanto naturais quanto sociais.”

(...) na cultura popular negra, estritamente falando, em termos etnográficos, não existem formas puras. Todas essas formas são sempre o produto de sincronizações parciais, de engajamentos que atravessam fronteiras culturais, de confluências de mais de uma tradição cultural, de negociações entre posições dominantes e subalternas, de estratégias subterrâneas de recodificação e transcodificação, de significação crítica e do ato de significar a partir de materiais preexistentes. Hall (2003, p.343)

A identidade quilombola não existe como tal puramente pelo reconhecimento de seu território e suas estruturas de parentesco, passa por isso. O que até então se anuncia de maneira mais tácita para nós diz-se de uma identidade que se estabelece principalmente a partir de seu *lócus* de resistência, primeiramente subjetiva, que a lança numa condição de subalternidade frente aos sistemas hegemônicos, capaz, por exemplo, de lutar pela terra e ao mesmo por em movimento o passado de lutas a fim de contextualizá-lo, resignificá-lo e afirmá-lo como discurso identitário. O “entre-lugar” em que situa, é que marca sua possibilidade de contestação à medida que se afirma, conserva, restabelece, reinventa e se renova nas possibilidades de sobrevivência e material e simbólica. Eis os espaços de resistência? Todas estas questões nos levam a pensar sobre até onde os movimentos que alimentam a idéia de turismo étnico, quiçá amparado nas concepções humanistas, marxistas e culturalistas, não estariam anunciando possibilidades, estratégias ou tentativas de equilíbrio mediado por forças

⁷ O *Centre for Contemporary Cultural Studies*, Estudos Culturais Britânicos surge na década de 60 tendo por base a ideologia marxista. Tem nas figuras de Richard Hoggart, Raymond Williams, Edward P. Thompson e Stuart Hall suas bases fundadoras. Podemos dizer que os Estudos Culturais contemporâneos tendem a realinhar investigações passando a mirar, por exemplo, questões como diversidade, multiculturalismos, sociedades pós-coloniais e etnicidade, que percorrerão a tese donde derivam as primeiras reflexões aqui contidas.

⁸ In: CEDEFES (2008)

contra-hegemônicas face à ordem brutal sustentada pela perspectiva economicista do turismo moderno e suas órbitas viciadas na sociedade de consumo e fluxos de massa.⁹ Ou as vestes de “valorização étnico-cultural” traduziriam o turismo étnico em mais uma face segmentária de suas dinâmicas cujo fim último é o produto turístico?

Tomemos por análise a Comunidade Quilombola de Brejo dos Crioulos-MG, onde realizamos nosso segundo trabalho de campo para a pesquisa em curso. Mesmo não inserida nas cadeias produtivas de turismo têm constantemente recebido intensos fluxos de visitantes, curiosos, pesquisadores, integrantes de movimentos sociais, voluntários. Todos com fim último de conhecer de perto o cotidiano e a realidade da comunidade que luta pelo reconhecimento de seu território bem como pela valorização de suas ancestralidades. Há sim desafios postos. Há sim, possibilidades anunciadas. Depreende-se da fala de algumas pessoas da comunidade, e aqui pesamos a vontade de muitos que se manifestam sob a respeitável vontade de não se identificarem, que serão bem-vindos na comunidade todas aquelas pessoas que queiram ajudá-los na resolução de seus maiores desafios bem como àqueles que queiram conhecer um pouco de sua cultura e sua história. Isso não significa dizer que manifestam uma vontade para o turismo, mas uma resposta àqueles que validam, sem nunca terem pisado os pés na comunidade, a idéia de que os moradores que ali estão lutam pelo isolamento e resguardo de sua cultura frente à curiosidade daqueles que sabem de sua existência. “Precisamos de ajuda, inclusive para resgatar nossas tradições”, afirmava João Manuel Lima, morador local, em uma de nossas oportunas prosas. “Nossa cultura existe, nossos ancestrais existem, nossa história é viva e precisa ser contada, reconhecida, valorizada” completava Francisco Cordeiro Barbosa (Ticão)¹⁰ liderança comunitária em Brejo dos Crioulos. Se o turismo é uma possibilidade nesse caso? As reflexões são muitas, assim como as possibilidades de respostas, tanto nossas quanto deles, quilombolas. O fato é que a história está em movimento e os processos também. Colocar as possibilidades de legitimação de uma atividade turística autêntica naquele lugar significa por em suspensão todos os episódios que por ali se definem, desde a luta pelo território até os modos de vida que por ali são percebidos e por eles legitimamente e dignamente defendidos. Se há uma vontade comunitária, é pela melhoria da qualidade de vida cujo esteio está no respeito por aqueles que ali originalmente dão sentido ao lugar, ao seu território. Eis um clamor que ecoa em meio aos tiros que por ali já foram ouvidos. Nesse caso, recordamos

⁹ Ainda que se possa distinguir um turismo de massa de um turismo de elite, deve-se considerar o turismo como um fenômeno de consumo de massa, sendo as formas alternativas apenas uma diversificação mercadológica. Luchiare (1999, p.123-124) *apud* Moraes (2004, p. 279).

¹⁰ Atual Vice-Presidente da Federação das Comunidades Quilombolas de Minas Gerais N'Golo.

inclusive da sábia fala do Sr. Bonifácio Modesto Pereira – Líder Quilombola da Comunidade de Morro Seco – SP, durante plenária no 1º Encontro Nacional sobre Turismo em Comunidades Quilombolas¹¹: “Não fomos completos em nenhum de nossos argumentos aqui, mas estamos seguindo conforme precisa. Quem colhe e vende, ganha; quem colhe e dá, perde. Mas é preciso ver o estilo da venda. (...). Tudo bem, o que vende é produto. Mas precisamos primeiro é pensar no nosso território. Se assim não fizermos, vamos estar fazendo um turismo ilegal, já que o território não é nosso, reconhecido.”

2. Região e Turismo: Norte de Minas em questão

O estudo das regiões se insere numa longa tradição geográfica, em que a idéia que se liga ao conceito sempre esteve empregada como instrumento de ação, controle, poder, estruturação e organização. As transformações que se operaram na formação sociocultural e espacial do Norte de Minas apresentam em seu histórico motivações externas e internas que evidenciam a necessidade de um olhar multifocal sobre desenvolvimento regional. Ao refletirem Silva e Salgado (2005, p.30) afirmam que “o espaço sócio e cultural do Norte de Minas vem sendo, então, re-organizado, nos últimos quatro séculos. Nesse contexto espaço-temporal, verifica-se que a região “pouco” se desenvolveu em relação aos paralelos latitudinais sulinos por além da capital.” Nesse caso, o entendimento de Luz e Dayrell (2000, p.10) destaca que “o resgate e revalorização do patrimônio cultural sertanejo está diretamente ligado à busca de soluções sociais e ambientais para a sobrevivência do cerrado e de suas populações mais pobres, é o resgate de sua dignidade, de seu modo de vida e da sua cultura”.

Podemos considerar que o turismo no Norte de Minas é de pouca expressão nacional mesmo dotado de imenso potencial sociocultural, econômico, histórico e natural. Cabe lembrar que, ao longo de sua história, a região norte-mineira apesar de se reconhecer em seu território pactuando suas expressões, sentidos, sujeitos e significados, carregou em seus espaços de visibilidade um estigma associado à miséria, feiúra paisagística e inoportunidades, situação esta, que começa a ser superada em virtude de uma gama de fatores econômicos, políticos e sociais que passaram a garantir via estratégias institucionais e movimentos sociais, melhores condições de vida e maior reconhecimento de valores identitários regionais. Um bom exemplo do novo contexto que se estabelece diz-se das articulações e estratégias promovidas pelo denominado

¹¹ As impressões, pesquisas, entrevistas, reflexões e análises acerca desse evento fazem parte de outro trabalho que estamos desenvolvendo.

Movimento Catrumano, que em processo de resignificação identitária regional e consolidação de uma justiça histórica vem obtendo significativas conquistas. Ao refletir sobre o atual papel da prática turística, Almeida (2003, p.12) aponta que ele “é resultante de uma complexa teia de interações entre condições de estruturação da globalidade dos meios de acolhimento no espaço turístico e de um conjunto de fatores condicionantes das motivações dos potenciais turísticos, do marketing e dos geradores do imaginário do homem que levaria a ser um *homo turisticus* e não um viajante, ou um homem viajado”.

O novo cenário que desponta face ao turismo, denuncia as necessidades e tentativas de superação e rompimento com o atual modelo de desenvolvimento a partir do fomento à criatividade dos processos institucionais, do estímulo a novas formas de organização social voltadas para a produção coletiva e ampliação das interfaces entre os setores da sociedade, ou seja, a consolidação de redes contra-hegemônicas de complexidade. Em suas reflexões, Almeida (2003, p.07) entende que o novo contexto “aponta para a multiplicidade de questões que o debate contemporâneo a respeito do turismo suscita, bem como para a diversidade possível de abordagens distintas que o tema apresenta”. Segundo a autora não é por acaso que se fala em “*Paradigmas do Turismo.*” Nesse contexto, visualizamos que o Etnoturismo pode constituir-se num conceito experimental importante de reflexão uma vez que, considerando todos os multiculturalismos e respectivos potenciais do Norte de Minas.

3. Das fronteiras ao Território: espaço de resistência quilombola e os novos desafios

É notadamente perceptível na sociedade em curso o intenso jogo de pressões e repressões estabelecidas no cotidiano, das quais também participa o turismo, para além das dimensões institucionais, com fins a novas leituras socioespaciais. O fato é que as prerrogativas de uma suposta contra-hegemonia também apontam para disputas de poder, especialmente quando observamos o jogo, conflituoso ou não, pelo viés da cultura a partir do território enquanto uma totalidade no espaço. Isso não deixa de estar claro no caso das Comunidades Quilombolas, tanto as que já participam o turismo de suas lógicas como é no Quilombo de Ivaporunduva-SP¹², quanto aquelas que ainda não se decidiram ou mesmo puderam fazer a exemplo da Comunidade de Brejo dos Crioulos-MG. O contexto permite depreender de Haesbaert (2006, p.20) que “sociedade e espaço social são dimensões gêmeas. Não há como definir o indivíduo, o grupo, a comunidade, a sociedade sem ao mesmo tempo inseri-los num determinado contexto geográfico,

¹² Objeto do nosso primeiro trabalho de campo donde deriva um trabalho de pesquisa e reflexões em construção.

“territorial”.” O debate sobre o conceito está cada vez mais aberto. Segundo o autor, existe uma enorme polissemia que acompanha a concepção de território entre os diversos autores que a discutem. Nesse caso, afirma que “muitos sequer deixam explícita a noção de território com que estão lidando (...)”¹³

O debate sobre território não se isolou em uma única área do conhecimento ao longo da história. Todas as construções acerca do conceito traduzem uma interpretação naturalmente tendenciosa por vias da matriz que se pretende analisar. É fato que o seu entendimento traduz uma necessidade multidisciplinar e parcelar. A pluralidade de categorias e subcategorias que apresenta permite as mais variadas interpretações e leituras, podendo ser traduzido numa categoria, do ponto de vista analítico geográfico, sinuoso. Cabe considerar que o território não se define apenas pelo domínio, mas pelo seu uso, por suas territorialidades, não se trata apenas de apropriar, mas também de dar propriedade ao seu *locus*. Para Raffestin (1993, p.160) “(...) territorialidade pode ser definida como um conjunto de relações que se originam num sistema tridimensional sociedade-espaço-tempo em vias de atingir a maior autonomia possível, compatível com os recursos do sistema.” Este autor, que no campo da Geopolítica reflete sobre o conceito de território na perspectiva do poder faz a seguinte afirmação

É essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator “territorializa” o espaço. (...) Evidentemente, o território se apóia no espaço, mas não é o espaço. É uma produção, a partir do espaço. Ora, a produção, por causa de todas as relações que envolve, se inscreve no campo do poder.¹⁴

No caminho de entendimento sobre dar propriedades ao território, ou seja, territorializá-lo, Godelier (1984 p.112) *apud* Haesbaert (2006, p.54) entende o território como “uma porção da natureza e, portanto, do espaço sobre o qual uma determinada sociedade reivindica e garante a todos ou a parte de seus membros direitos estáveis de acesso, de controle e de uso com respeito à totalidade ou parte dos recursos que aí se encontram e que ela deseja e é capaz de explorar. Haesbaert (2006, p.40), por sua vez, diante das várias perspectivas anunciadas destaca três vertentes básicas de análises sobre as noções de território na qual se apresentam uma noção política, uma cultural e uma econômica. Contudo, considerando os interesses reflexivos aqui anunciados, entendemos que esse não seja o momento para precisar uma noção de território que conduza nossas compreensões em meio à enorme polissemia verificada. O fato, é que

¹³ Ibid., p.35-36

¹⁴ Ibid., p.143-144

acessar as órbitas do turismo étnico a partir da geografia cultural aponta para uma análise acerca das disputas de poder pelo viés da cultura a partir do território, uma vez traduzido como um espaço de lugares onde estão expressos identidades, resistência, territorialidades e, multiterritorialidades.

As disputas que as comunidades quilombolas estabelecem no campo do poder atualmente se dão via resistência e enfrentamento na luta pelo acesso à terra, baseadas no artigo 68 da Constituição Brasileira que assegura o direito às terras de quilombos no país. O amparo legal do direito constitucional que resguarda a titulação dos territórios, objeto de pleito na luta das comunidades, se inscreve nos termos do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Federal de 1988. Nesse caso encontramos que “aos remanescentes das comunidades de quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos.”¹⁵ O histórico quilombola no país está imerso num movimento de dinâmicas geográficas territoriais de onde se evidenciam processos de segregação espacial e racial, exclusão social, desqualificação histórica e, fragmentação da diferença ao mesmo tempo em que é marcado por dinâmicas de resistência etno-racial, lutas de reintegração e acesso a terra, reconhecimento de direitos, reconhecimento e valorização de ancestralidades, expressões culturais afro-brasileiras, representações e modos de vida, processos de auto-identificação e resgate identitário e enfrentamento ideológico.

A apresentação do Norte de Minas como região de multiculturalismos e multiterritorialidades que ambientam movimentos de resistência via modos de vida tradicionais, especialmente por conta de todo o mosaico sociocultural que edifica seu histórico de ocupação e territorialidades, ganha importância na medida em que a região constitui-se, além de uma rica região histórica, cultural e natural, como o maior território negro do Estado de Minas Gerais uma vez consideradas as várias comunidades quilombolas existentes na região. O fato se liga à ampliação do debate sobre turismo étnico em comunidades quilombolas e, para tanto considerando a realização do 1º Encontro Nacional sobre Turismo em Comunidades Quilombolas onde participaram 54 comunidades de várias regiões do país, em que pesa a ausência de convite para quilombolas de Minas Gerais, 2ª região do país em concentração de comunidades e 2º Estado na participação relativa entre emissor e receptor em viagens domésticas (nacionais). Nesse caso, considerar que o Norte de Minas é a região do Estado com maior número de comunidades quilombolas nos põe a pensar que tão logo se alarguem os debates, terá início uma intensificação dos debates sobre turismo no Norte de Minas

¹⁵ BRASIL. ADCT. 1988.

por vias das possibilidades que estão sendo anunciadas para um novo turismo cultural cuja pretensa segmentação aponta para um turismo étnico. Superar as atuais tensões que esse processo anuncia passa pelo posicionamento das comunidades como sujeitos de sua história cultural e, conseqüentemente, positivem a condição de subalternidade impressa na luta quilombola para fins de afirmação de sua identidade a partir de uma lógica diferenciada que não a do capital hegemônico opressor, dominador que discrimina e exclui. Nesse caso, frente ao turismo isso ganha um significado importante uma vez não se postando como um produto turístico, mas valendo do turismo como uma possível ferramenta de afirmação “da luta”.

Considerações Iniciais para prosas vindouras

Uma vez apresentados os esteios do pretense debate, várias questões se anunciam como incômodos e ao mesmo tempo convite para prosas vindouras. Nesse caso, a adoção da lógica do Etnoturismo por comunidades tradicionais pode significar uma possível estetização dos modos de vida tradicionais frente à globalização? A turistificação dos lugares é um caminho sem volta? Uma condição? Como os estudos culturais sob o olhar dos geógrafos podem contribuir para o tema proposto? A cultura tradicional pode se constituir em ferramenta contra-hegemônica? E o turismo? O que vem primeiro, infra-estrutura ou identidade? Conhecer bem é dever de quem? Do turista ou do receptor? Que lógicas estão por trás das propostas? Como pensar numa educação para o turismo uma vez pretendido na âmbito de determinada comunidade tradicional? O etnoturismo é um caminho importante para a valorização da cultura dos povos? Como renovar os conceitos? Afinal, para quem serve o turismo? E a “cultura” do turismo? O turismo pode anunciar esperança nos espaços de resistência? Até onde os espaços de resistência suportam as lógicas do turismo?

Como já está evidente, dizer de considerações finais num trabalho que se inicia soaria incoerente e, não poderia ser diferente. Os debates não se encerram; cada vez mais se convidam. Naturalmente, outros questionamentos passam a compor esse enigma. Como assegurar o reconhecimento, a titulação, a valorização e o empoderamento dos povos tradicionais em seus territórios frente às lógicas destruturadoras do denominado turismo de massa e, aos interesses capitalistas maiores que um possível turismo comunitário, responsável, solidário, humanitário, ético? Uma investigação epistemológica nesse caminho elucidará conceitos, categorias e/ou temáticas para uma construções elaboradas sobre território? Sobre turismo? É possível

dizer de liberdade na escolha desses povos em participar ou não das cadeias produtivas do referido fenômeno? Ou existem pressões que acabam por inquietá-las? Necessidade, defesa, desinvisibilização, simulacro ou estratégia? Qual a natureza do comportamento dos povos tradicionais frente ao turismo? Vislumbra-se diante dessas análises a possibilidade de um novo turista, um novo viajante que seja capaz de compreender todas as complexidades evidenciadas não pelos caminhos de quem analisa, mas pelas experiências de quem vive o possível. A adjetivação que aqui defendemos como passível de debates aponta para um caminho de positivação de comunidades tradicionais, seus modos de vida, história e cultura. Essa defesa surge como um convite ao debate. O objetivo desse trabalho, muito mais que discutir alternativas teórico-metodológicas na busca de conceitos é trazer a luz do pretense tema e problemática, reflexões contextualizadas capazes de ampliar as possibilidades de respostas frente aos inúmeros incômodos. Esse caminho anuncia a importância da ciência geográfica, na medida em que seus conceitos e categorias assumem grande responsabilidade. O que pretendemos é dar início a essa longa jornada anunciada pela tese em construção e para tanto, seria impossível não fazer um convite aos colegas que se interessam pelo tema. A questão posta é: o turista, invenção do século XIX, veste de consumo para um novo tipo de peregrino, que se projeta no fetiche da vida moderna para experienciar de fato, não é mais o viajante que busca na cultura a transformação. Isso não significa negar a possibilidade de existência dessa projeção quase romântica sobre um novo turista responsável não apenas pelas ordens práticas, mas também subjetivas. O fato é que as viagens mudaram, em todos os rumos possíveis. E com elas mudaram também o turismo e os turistas. Se há um resgate pelos fundamentos mais verdadeiros que estão imbricados no seio da viagem, isso é possível de perceber. Pensar sobre a necessidade de estar contextualizado com os espaços visitados é fundamental na busca de um possível equilíbrio entre visitantes e visitados, entre a condição experienciante e a experienciada. Pensar turismo em espaços de resistência é condicionar a liberdade consumista à liberdade experiencialista. É superar a possibilidade de mediação que cerca a condição de turista e, sob essa liberdade última estabelecer espaços de liberdade, reciprocidade e esperança. O entre-lugar real do turista deve ser o da experiência, o real espaço da Viagem, arte da Geografia.

Referências

ALMEIDA, Maria Geralda. (Org.). *Tantos Cerrados: múltiplas abordagens sobre a biogeodiversidade e singularidade cultural*. Goiânia: Ed. Vieira, 2005.

- ALMEIDA, Maria Geralda de. [et al.] Paradigmas do Turismo. Goiânia: Alternativa, 2003.
- BHABHA, Homi K. O Local da Cultura; tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BURNS, Peter M. Turismo e Antropologia: uma introdução. Tradução Dayse Batista. São Paulo: Choronos, 2002.
- CAMPOS, Adrelino. Do Quilombo à favela: a produção do “espaço criminalizado” no Rio de Janeiro. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- CLAVAL, Paul. A geografia cultural. Tradução de Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Piment. 2 ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2001.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. São Paulo. Saraiva. 2005.
- COSTA, João Batista de Almeida. As formações quilombolas em Minas Gerais. pg.25-28. IN: CEDEFES. Comunidades Quilombolas de Minas Gerais no século XXI – História e Resistência. Organizado por Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva. Belo Horizonte. Autêntica/CEDEFES, 2008.
- _____. João Batista de Almeida. Cultura, Natureza e Populações Tradicionais: o Norte de Minas como síntese da Nação Brasileira. p.8-45. IN: Revista Verde Grande / Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes, Prefeitura Municipal de Montes Claros, Secretarias Municipais de Cultura, Educação e Meio Ambiente, - Vol. 1, n.3(jun.ago.2005). – Montes Claros: Ed. Unimontes, 2005. 146. Trimestral. ISSN 1806-6764.
- _____. João Batista de Almeida. A Reescrita da História, A valorização do Negro e a Atualização das Relações Ancestrais no Norte de Minas. IN: Revista Verde Grande / Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes, Prefeitura Municipal de Montes Claros, Secretarias Municipais de Cultura, Educação e Meio Ambiente, - Vol. 1, n.2(set.nov.2005). – Montes Claros: Ed. Unimontes, 2005. 165. Trimestral. ISSN 1806-6764.
- HAESBAERT, Rogério. O mito da desterritorialização. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- HALL, Stuart. A identidade Cultural na Pós- Modernidade. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- _____. Da Diáspora. Identidades e Mediações Culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- _____. Quem precisa de identidade? In: Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais, Tomaz Tadeu da Silva (org), Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- HOGGART, Richard. La culture du pauvre. Paris: Les Éditions de minuit, 1970. Longman: dictionary of contemporary English. Barcelona: Cayfosa

KRIPPENDORF, J. Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira S.A, 1989.

LUZ, Cláudia; DAYRELL, Carlos (Orgs.). Cerrado e Desenvolvimento: tradição e atualidade. Montes Claros, MG: Centro de Agricultura Alternativa; Goiânia: Agência Ambiental de Goiás, 2000.

MASSEY, Doreen B. Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade. Tradução Hilda Pareto Maciel, Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MORAES, Antônio Carlos Robert. Ideologias Geográficas. Espaço, Cultura e Política no Brasil. Ed. Hucitec: São Paulo, 1988.

MORAES, Sérgio Torres. Considerações sobre a produção do “espaço turístico” na contemporaneidade. IN: Turismo – Visão e Ação. Vol. 6, n3, set/dez 2004.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. (Org.). Cultura em Movimento: matrizes africanas e ativismo negro no Brasil. São Paulo: Selo Negro, 2008.

PEARCE, Douglas G. Geografia do Turismo: fluxos e regiões no mercado e viagens; [Tradução Saulo Krieger]. – São Paulo: Aleph, 2003. – (Série Turismo).

PEREIRA, Anete Marília. E ALMEIDA, Maria Ivete Soares de. Leituras geográficas sobre o Norte de Minas Gerais. (Orgs.). Montes Claros: Ed. Unimontes, 2004.

RAFFESTIN, Claude. Por uma Geografia do Poder. São Paulo: Editora Ática. 1993.

SALGADO, Hebert Canela. A Rede do Turismo no Norte de Minas: Planejamento, Regionalização, Territorialidades e Desenvolvimento Social nos Caminhos dos Gerais. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social. Unimontes. Montes Claros, 2007.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. São Paulo: Record, 2000.

SANTOS, Rosselvelt José. Gaúchos e Mineiros do Cerrado. Metamorfoses das diferentes temporalidades e lógicas sociais. Uberlândia: EDUFU, 2008.

SILVA, Cássio Alexandre e SALGADO, Hebert Canela. Turismo no Norte de Minas: Entraves e Perspectivas. Revista Multidisciplinar das Faculdades Integradas Pitágoras de Montes Claros. Publicação Semestral. Ano 3, Nº 2, Agosto de 2005. ISSN 1808-6969.